

MARIO DE ANDRADE E A *GRAMATIQUINHA*: A LÍNGUA PORTUGUESA EM 100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODENA

MARIO DE ANDRADE AND THE *GRAMATIQUINHA*: THE PORTUGUESE LANGUAGE IN 100 YEARS OF MODERN ART WEEK

Nancy Casagrande (IP-PUC-SP/UPM)¹
Neusa Barbosa Bastos (IP-PUC-SP/UPM)²

RESUMO

Este artigo se volta para a importância das produções de Mario de Andrade na divulgação da cultura brasileira e da língua portuguesa utilizada no Brasil, o que levou à criação de um sentimento de identidade nacional frente à herança linguístico-gramatical deixada pelos portugueses. O embasamento teórico recai sobre as noções de história e de historiografia na descrição da língua portuguesa. O estudo, aqui realizado, busca revelar a importância dos estudos historiográficos, linguísticos e discursivos para o conhecimento de uma língua portuguesa caracterizada no delineamento reflexivo de Mario de Andrade em sua obra *Gramatiquinha*.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Gramatiquinha. História/Historiografia. Discurso.

ABSTRACT

This article focuses on the importance of Mario de Andrade's productions in the dissemination of Brazilian culture and the Portuguese language used in Brazil, which led to the creation of a sense of national identity in the face of the linguistic-grammatical heritage left by the Portuguese. The theoretical basis lies on the notions of history and historiography in the description of the Portuguese language. The study carried out here seeks to reveal the importance of historiographical, linguistic and discursive studies for the knowledge of a Portuguese language characterized in the reflective design of Mario de Andrade in his work *Gramatiquinha*.

Keywords: Mário de Andrade. *Gramatiquinha*. Histor/Historiography. Discourse.

Para comemorarmos os Cem Anos da Semana da ARTE MODERNA (1922-2022), escolhemos Mario de Andrade, que, tendo participado da **Semana de Arte Moderna em 1922**, teve influência ímpar na inauguração do Modernismo no Brasil, porque seus textos, na época, buscavam divulgar a cultura brasileira e a língua portuguesa utilizada no país, o que levou à criação de um sentimento de identidade nacional.

Por ser de nosso interesse não só a história/historiografia e sua descrição da Língua Portuguesa, mas também os efeitos de sentido presentes no discurso, iniciamos

¹ Endereço eletrônico: ncasagrande@pucsp.br

² Endereço eletrônico: nmbastos@terra.com.br

nosso texto com a pergunta: *Em que medida, no século XX, o brasileiro Mário de Andrade confere importância à teorização sobre a Língua Portuguesa em suas anotações sobre a utilização da “língua nacional?”*. A partir dessa pergunta, apresentamos nossos objetivos: 1. analisar o trabalho desse intelectual de tantas facetas, interessado, especificamente aqui, em conhecer profundamente a Língua Portuguesa, nela interferir e, ainda, sobre ela deixar considerações para a posteridade; 2. revelar a importância dos estudos historiográficos, linguísticos e discursivos para o conhecimento de uma língua portuguesa característica de um dos países de língua oficial portuguesa: o Brasil.

Nosso foco está voltado para duas Linhas de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa de PUC-SP: *História e Descrição da Língua Portuguesa* (interesse do Grupo de Pesquisa de Historiografia da Língua Portuguesa) e *Texto e discurso nas modalidades oral e escrita* (interesse do Grupo de Estudos de Análise do Discurso). Fundamenta-se, o presente trabalho, na Análise do Discurso de linha francesa, tomando como teóricos de base Bakhtin/Volochinóv (1992), Maingueneau (1993) e Pêcheux (1993), com uma orientação historiográfica por meio da Historiografia da Linguística com apoio em Koerner (2014), Bastos e Batista (2020) e Casagrande e Bastos (2021). Buscamos o desvendamento da postura do escritor sobre a Língua Portuguesa na primeira metade do século XX, atendendo a uma demanda de resgate histórico com vistas à preservação da memória e da cultura brasileiras.

Numa perspectiva mais ampla, visamos contribuir para a formação de profissionais capazes de acompanhar alunos na aprendizagem de Língua Portuguesa, por meio da produção de rico material de consulta, resgatado do trabalho com a Língua Materna, realizado por Mário de Andrade, afirmando que 1. os autores brasileiros conferem importância à teorização sobre a Língua Portuguesa; 2. a implantação, na época de renovação em que se vivia, e levada a cabo pelo escritor, interferiu nos posicionamentos linguísticos apresentados em suas obras; 3. a aplicação dos princípios teóricos levantados no conjunto da obra do mesmo autor permitiu a verificação do seu grau de aplicação. Podemos também, asseverar que Mario de Andrade deixou obra relevante, cuja análise nos levou a confirmar que o delineamento do clima de opinião da primeira metade do século XX e a observação da postura do autor em sua obra revelam a importância dos estudos linguísticos para o estabelecimento de uma política de línguas.

Uma contextualização se faz necessária, pois, segundo Koerner (2014, p. 58):

O primeiro princípio para a apresentação das teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos tem a ver com o estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em questão. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram. Na verdade, o que Goethe chamou de *Geist der Zeiten* sempre deixou as suas marcas no pensamento linguístico. Por vezes, a influência da situação socioeconômica, e mesmo política, deve igualmente ser tida em conta (considere-se a discussão sobre a ‘ordem natural’ da organização sintática, na França do século XVIII, na qual o francês foi apresentado como uma língua superior às outras, e as aspirações de supremacia política da França no mesmo período). Esta primeira diretriz pode ser chamada de ‘princípio da contextualização’.

No Brasil, sobretudo com base nas aspirações revolucionárias de esquerda, os jovens intelectuais, progressistas e engajados nos movimentos sociais reagiram contra a influência estrangeira excessiva e buscaram a identidade nacional, o que refletiu em todas as produções da época. Nesse clima de opinião, estava situado o sujeito-autor atento a essas manifestações, aos avanços tecnológicos e industriais e consciente de sua naturalidade paulistana, participando da modernização das artes na dita “locomotiva do Brasil”, durante a Semana da Arte Moderna de 1922. Dessa maneira, a década de 20 foi um período busca de direções estéticas capazes de dar à literatura e às demais manifestações do espírito brasileiro, um caráter moderno, autenticamente nacional. Nesse período, de acordo com Cândido (2000, p. 110) “acentuam-se a rudeza, os perigos, os obstáculos da natureza tropical. O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo agora é fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração cultural”, o que reforça ainda mais as aspirações de Mario de Andrade.

O sujeito, num papel ativo no levantamento de polêmicas e discussões, materializou suas formações ideológicas e discursivas em seu texto, considerado aqui como um lugar de manifestação consciente, em que o homem organiza, adequadamente, de acordo com a situação contextualizadora de seu discurso, os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular o seu discurso, em que os elementos de expressão são organizados de maneira experimental e criativa, ao deixar de lado a perfeição por acreditar na transitoriedade das coisas. Dessa forma, seu texto, lugar de subjetividade, e seu discurso, reflexo das condições de produção, revelam um imbricamento entre os temas e as figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está

inserido. Assim, na medida em que é determinado pelas formações ideológicas, cita outros discursos, o que nos leva a afirmar que o discurso não é único e irrepetível.

As manifestações acerca da língua como instituição nacional que deve ser preservada pelos membros de uma sociedade e que permite a compreensão recíproca num presente de uso efetivo são princípios estruturalistas saussurianos dos quais se vale o sujeito-autor, ao mesmo tempo em que se preocupa com o princípio da constância, das mudanças fonéticas, método estabelecido pela gramática comparada que dominou os estudos linguísticos do século XIX, submetendo a língua, objeto físico, às leis da evolução fonética (Linguística Histórica). Mais uma vez, a questão da interdiscursividade como processo de reconfiguração incessante em que uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela. Incorporaram-se, assim, nos comentários, nas observações, nas postulações do sujeito-autor, as tendências de sua época, podendo-se citar anotações feitas, e já mencionadas, sobre a Gramática Secundária da Língua Portuguesa de Said Ali na *Gramatiquinha* e que, de natureza linguística, se manifestam subjetivamente com marcas ideológicas reveladoras de que a consciência individual é um fato socioideológico (BAKHTIN, 1992).

A produção de efeitos de sentido se dá nas formas de interação verbal ligadas às situações vivenciadas pelo grupo social dos intelectuais que, descompromissados com soluções anteriores, imprimiram às produções literárias um caráter moderno e nacionalista. Afirma o sujeito-autor não serem as anotações técnicas, nem para técnicos, nem constituidoras de um livro científico, mas pertencentes às produções de seu grupo:

Este é um livro de ficção, e ninguém não aprende gramática nele, é lógico.

Mostrar que o perigo pra quem se mete numa coisa destas é principiar inventando coisas sem nenhuma ligação com a realidade existente. Embora tomando cuidado não me livrei desse defeito e é por isso que não apresento o meu trabalho como obra de técnica porém de ficção. Não se trata de um livro técnico, nem para técnicos.

Assim fica entendido que isto não é uma obra científica. É ainda e sempre uma obra de ficção (PINTO, 1990, p. 59-60).

Convém mencionar que a carga socioideológica, constante da obra de ficção, revela a necessidade de se registrar o falar brasileiro, dirigindo-se a outros sujeitos: “pra quem já sabe e não pra grupos escolares” (PINTO, 1990, p. 59). Tais ditos referem-se a um conjunto de discursos possíveis a partir de inúmeras condições de produção

semelhantes, observadas em outras tantas obras gramaticais de séculos anteriores: Fernão D'Oliveira – século XVI, Amaro de Reboredo – século XVII, Reis Lobato – século XVIII, Pereira Coruja – século XIX, Said Ali – século XX (1ª metade).

O sujeito-autor tem uma vocação totalizante que acaba por estabelecer uma relação de dominância de uma formação discursiva sobre as outras na constituição do texto em que sobressai o apego às manifestações linguísticas nacionais diferentes, em alguns aspectos, das manifestações linguísticas portuguesas. Portanto, cada sujeito inserido em uma determinada classe social tem uma visão de mundo, sendo essa a sua formação ideológica à qual corresponde sempre uma formação discursiva que materializa essa visão de mundo. Esse efeito ideológico pode ser percebido nas afirmações sobre a língua escrita e sua diferença em relação à falada, na tentativa de ressaltar a atitude nacionalista que deve ser buscada em todas as situações em que se pudesse ser nacionalista, isto é, ser culturalmente brasileiro (PINTO, 1990, p. 53).

Assim, observemos Mario de Andrade, um intelectual que pode ser caracterizado como poeta, contista, romancista, crítico literário, além de ser um sociolinguista que se empenhou no estudo das variações linguísticas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, na segunda metade do século XX, em viagens de navio, ou por estradas de condições precárias, buscando os elementos linguísticos e culturais com vistas ao projeto modernista das vanguardas, produzindo o projeto da *Gramatiquinha*, interrompido com sua morte, tendo sido os seus manuscritos recolhidos, ressurgindo, na década de 1990, na publicação de Edith Pimentel (livre-docente na USP): *Mario de Andrade A Gramatiquinha da Fala Brasileira*.

Há, então, interdiscursos presentes nos textos em tela: os ditos de Mario de Andrade e os de Edith Pimentel, numa interdiscursividade que, de acordo com Maingueneau (1993) tem um lugar privilegiado no estudo do discurso, por tomar o interdiscurso como objeto na procura de apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas diferentes. Nesse sentido, dizer que a interdiscursividade é constitutiva de todo discurso é dizer que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos. Por isso podemos buscar em Casagrande e Bastos (2021, p. 7) a relação entre a interdiscursividade e os campos discursivos:

Convém registrar que o intertexto está para o texto assim como o interdiscurso está para o discurso. Assim, a intertextualidade remete-se

ao conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outros textos e a interdiscursividade remete ao conjunto de discursos de um mesmo campo discursivo (espaços em que um conjunto de formações discursivas se relacionam em embate) ou de campos discursivos diferentes.

Assim, estando nos campos discursivos do linguístico e do político, visava a captar o falar médio dos brasileiros que identificaria por meio dos falantes rurais e urbanos, das diversas regiões do país e de todas as classes sociais, Mario de Andrade deixou uma minuciosa descrição do português em uso no início do século XX, além de escrever centenas de cartas para numerosas pessoas, tratando de problemas relacionados com a literatura, a cultura, a linguagem e a estética. Com esse objetivo e a partir da pergunta: Em que medida o autor brasileiro Mario de Andrade confere importância à teorização sobre a Língua Portuguesa em suas anotações sobre a utilização da “língua nacional?”, estudaremos a já citada obra *A Gramatiquinha de Mario de Andrade: texto e contexto*, publicada por Edith Pimentel Pinto, a fim de analisar o trabalho de um intelectual interessado em conhecer a Língua Portuguesa, intervir nela e deixar legados a respeito dela para os seus sucessores.

Na obra selecionada, Pinto (1990:11) apoia-se:

(...) essencialmente nos originais de Mario de Andrade, expressamente destinados à composição da Gramatiquinha. Acessoriamente, vale-se de notas marginais suas, consignadas em obra de caráter linguístico, em especial na Gramática Secundária da língua portuguesa de Saïd Ali; de alguns poucos escritos, do mesmo caráter; e, muito raro, de outros documentos especificados oportunamente.

Trata-se, portanto, de uma obra de bastante relevância, ao abordarmos a questão das variações linguísticas apresentadas pelo sujeito-autor, que traz um estudo sobre a fala brasileira partindo de dados colhidos na observação direta e cotidiana nas mencionadas viagens que fez pelo Brasil, revelando a variedade brasileira da língua portuguesa de acordo com os ideais modernistas que buscavam uma sistematização da norma brasileira. Entretanto, a formação discursiva dos modernistas não se constituía somente de um embate contra Portugal, eles visavam à afirmação de uma identidade brasileira, também por meio da forma de utilizar da língua. Partiam do princípio de que se os falantes da língua portuguesa no Brasil usam determinada expressão, pronunciando-a de determinada maneira, afastam-se da norma-padrão culta, o que mostra como se constitui a língua em

uso e os discursos de dominação entre portugueses e brasileiros conservadores *versus* brasileiros vanguardistas.

Nesse discurso, desvenda-se que o sujeito-autor representa-se como um pesquisador e não como um gramático em *A Gramatiquinha*, não intencionando, portanto, que fosse lida como uma obra científica, mas sim como uma ficção. No discurso, nota-se o campo da linguística e não da gramática pelo fato de se revelar muito mais descritivo e filosófico do que prescritivo, por não se mencionar, em momento algum, regras ou normas, mas apenas constâncias. Nota-se um discurso engajado com implicações linguísticas e estéticas e não um discurso prescritivo, objetivando a uma consolidação rígida dos traços peculiares à norma brasileira, do que decorre o diminutivo atribuído à palavra “gramática”, empregada no título do livro.

De acordo com o segundo princípio koerneano (2014, p. 59):

O próximo passo que o historiógrafo da linguística deveria dar consiste em tentar estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico, talvez até mesmo filológico. É desnecessário dizer que se deve abstrair da sua própria formação linguística e dos compromissos atuais na linguística. O quadro geral da teoria a ser investigada, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente e não em referência à doutrina linguística moderna. Esta consideração pode ser chamada de ‘princípio da imanência’.

Seguindo o segundo princípio, analisaremos a questão linguística e filológica na abordagem dos estudos marioandradinos sobre a língua em uso no Brasil na primeira década do século XX.

Sem seguir uma metodologia para a elaboração da obra, Mario de Andrade aderiu tardiamente ao modelo da gramática de Said Ali, o que não caracterizou sua obra como uma gramática, ainda que o autor assumisse a postura tradicional ao afirmar que, dentro de uma gramática, “os exemplos devem ser tirados dos escritores bons atuais” (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 329). No entanto, seu papel foi não o de atribuir valor literário às variantes linguísticas, mas de registrá-las. Algumas críticas houve ao sujeito-autor, pois julgavam que havia a intenção de se criar uma língua brasileira, supervalorizando ainda o dialeto paulista, o que era respondido com a afirmação de que os registros foram selecionados em todo o país, a fim realizar a pesquisa que foi de grande valor. Em Pinto (1990, p. 51), lê-se:

Se muitos tentarem o que eu tento (note-se que não digo *como* eu tento) muito em breve se organizará uma maneira brasileira de se expressar (...). Essa expressão é muito provável que talvez ainda século se passe sem que ela se diferencie do português a ponto de formar uma nova língua (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 51).

O estudo das VARIACÕES linguísticas delimita alguns traços gerais da língua falada no Brasil, fundamentando a questão da formação de palavras que passem a constar numa futura gramática brasileira “para que essas vozes deixassem de ressoar com estranheza na língua literária” (PINTO, 1990, p. 53). Desvela seu papel social ao afirmar que “o que a gente tem de fazer é isso: ter a coragem de falar brasileiro sem se amolar com a gramática de Lisboa” (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 49), pois a língua “falada do jeito brasileiro e gramaticalmente à portuguesa é uma coisa falsa, desonesta e duma feiura morna” (apud PINTO, p. 322). Falando brasileiro, seria previsível que sofresse críticas, mas em sua representação como brasileiro pontuou: “Já não disse sejamos brasileiros. Eu fui. Eu não falei: Escrevamos brasileiro. Eu escrevi” (ANDRADE apud PINTO, 1999, p. 53).

Em sua constituição discursiva, o sujeito revela o domínio da norma culta em livros publicados por ter estudado a língua e ter sido um leitor contumaz. Dessa forma, a *Gramatiquinha* destinava-se aos sujeitos leitores com domínio da norma-padrão culta para que percebessem e aceitassem as variações, não se destinava, portanto, a ser um instrumento de estudo dentro das escolas, muito menos um substituto das gramáticas normativas e descritivas tradicionais. No fragmento abaixo, o autor apresenta uma metáfora que reflete a sua visão em relação a alguns escritores e a sua postura como escritor. “Sucedem que a maioria, para escrever veste fraque, alguns, casacas e o resto o paletó de domingo, ao passo que eu me dispo até do paletó semanal” (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 327).

No campo discursivo referente à linguística, o sujeito-autor alertava para o descompromisso em escrever obedecendo à norma padrão, o que resultava numa escrita repleta de variantes, como, por exemplo, em relação às personagens dos livros de ficção que deveriam fazer uso de uma linguagem que deveria refletir, de fato, o falar do brasileiro da época, inserido em condições de produção do discurso vistas, de acordo com Pêcheux (1993), como as características básicas do contexto discursivo acionadas pelos

sujeitos, de forma consciente ou inconsciente, no decorrer do processo de elaboração e ou interpretação do texto oral ou escrito.

Ao estudarmos o texto de Mario de Andrade, seguimos a concepção de que a língua só existe em função do uso entre locutores (falante ou escrevente) e interlocutores (leitores e ouvintes) em situações interação comunicativa em que os signos são utilizados com suas contradições, considerando como Bakhtin/Volochínov (1992, p. 47) que todo signo é ideológico:

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de aparecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.

Em confronto com os discursos conservadores, o sujeito-autor apresentou um estudo sobre as variações nos diferentes níveis de língua (sintático, fonético, morfológico), entre os quais, serão abordados nesta nossa exposição, as questões sintáticas e fonéticas da língua portuguesa, destacando as variações apontadas pelo autor nesses dois eixos, a fim de direcionarmos os nossos estudos para as variações que ocorrem com maior incidência em quais sejam:

- **variações sintáticas** (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 400):

- variação dos pronomes (“pra mim sentar” por “pra eu sentar”);
- exclusão de pronomes nos verbos pronominais (sente por sente-se);
- flexão verbal com o uso do “tu” (“tu vai” por “tu vais”);
- emprego de “enquanto que” no povo analfabeto;
- concordância de coletivos em geral: do coletivo da primeira pessoa “a gente” (“A gente vai com ele”) e da terceira pessoa (“aquela gente andam com coisa”);
- emprego do presente do indicativo pelo futuro (“Si você for lá, fecha o tempo”, por “fechará o tempo”) e outras observações sobre a ausência da noção exata do tempo futuro e sua confusão com o presente na linguagem popular analfabeta;
- emprego do imperfeito do indicativo pelo condicional (“Si você fosse lá, fechava o tempo”);
- emprego do imperativo nos imperativos negativos (“Não demora”).

- **variações fonéticas** (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 343):

- encurtamento das palavras proparoxítonas (“chacra” por “chácara”; “abobra” por “abóbora”; “príncipi” por “príncipe”);
- timbre, ritmo, volume - propriedades do som - troca de consoantes, de vogais (“Hispanho” por “espanhol”; “ingrêis” por “inglês”);
- substituição do *r* pela vogal *i* (“poico” por “porco”);
- pronúncia do *lh* (“recolher” e “recoiê”);
- transformação do *ô* em *u* e vice-versa (“mucambo” por “mocambo”; “fonção” por “função”);
- manifestações de epêntese (“adevogado” por “advogado”; “absolutamente” por “absolutamente”);
- manifestações de assimilação regressiva (“inlustre” por “ilustre”);
- manifestações de síncope (“meidia” por “meio-dia”);
- variações de para (“pra, prá, prô”);
- aglutinação (“pouco + bocadinho” por “poucadinho”);
- transformação de dissílabos em ditongos (“fri-o” por “friú”, “ti-o” por “tiu”).

A representação social do locutor como porta-voz da nação brasileira, em contexto determinado, leva-nos a afirmar a posição nacionalista moderada do sujeito-autor que pretende ser naturalmente brasileiro sem opor Portugal (o dono da voz) ao Brasil, pois, de acordo com sua posição revelada pelas marcas que atestam seu dizer, sua relação com a situação e a sua representação contextualizada apresentam-se da seguinte forma:

Não pensem que vou defender Portugal e me tornar simpático pros portugas nacionalistas não. Não tenho por Portugal nenhuma ternura maior que a que tenho pelos Cochinchins ou norteamericanos.

Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independência natural, sem reivindicações nem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente, inconscientemente.

Ora aplicando o caso à língua o que a gente tem de fazer é isso: ter coragem de falar brasileiro sem si amolar com ‘a gramática de Lisboa’. Não se trata de reagir, trata-se de agir que é mais nobre e viril (PINTO, 1990, p. 49).

Nota-se o sentido da necessidade de os brasileiros manifestarem-se como sujeitos ocupando lugares de brasileiros que podem e devem ocupar posições nacionalistas, frente a outros sujeitos ocupando lugares de portugueses que podem e devem ocupar posições nacionalistas em terras europeias: “Não falar nem uma vez em regras. Nem tão pouco em normas se possível! Falar só em Constâncias...” (PINTO, 1990, p. 61). Constâncias que significam a repetição sonora e gráfica da língua brasileira apartada do português de Portugal. Nessa representação, o sujeito-autor manifesta-se no texto, assumindo variações

linguísticas ao mencionar o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, com as diferenças vocabulares surgidas por necessidades locais: no Rio Grande do Sul – bovinos e equinos – e em São Paulo – café. Tais ditos revelam a sua relação com a situação contextualizadora e sua representação contextualizada.

Nota-se, conforme as posições assumidas pelo sujeito-autor, o uso de palavras, de caráter ideológico, com suas mudanças de sentido, o que produzem o efeito de sentido de acordo com os papéis e com as situações vivenciadas, estabelecendo-se como produto social e histórico marcado como progressista à procura de firmar uma brasilidade que está ideologicamente comprometida pela força da lusofonia linguística no momento. Em Pinto, (1990, p. 63), lemos o sujeito-autor:

É incontestável que com a estilização da fala brasileira que é a minha contribuição pessoal pra codificação futura do brasileiro, ninguém não me pode pegar em erro. Basta ver as modificações (...) de estilo, de modismos vocabulares e de ortografia dum livro meu pra outro pra ver que tudo saiu assim porque eu quis. Mas também por outro lado, se não me podem acusar de erro, também é certo que não me deixei adormecer nos braços molengos da facilidade. Minha fala é difícilíssima até.

Dando continuidade, menciona variações encontradas em suas pesquisas de campo, por ocasião de suas viagens pelo Brasil, revelando sujeitos que ocupam lugares de brasileiros conservadores e de brasileiros “ ‘brasileiros’ que podem e devem ocupar posições, teorizando sobre a língua nacional” com desatenção momentânea aos pecados contra o português de Portugal ou das gramáticas, em anotações como:

Escutei em Santa Isabel, estado de S. Paulo, da boca dum caipira cantando modas. / Os ítalo-brasileiros falam coisas extraordinárias. Fiquei bem uns seis meses freguês dum barbeirinho ruim das Perdizes só pra escutar a fala dele que era uma gostosura imprevista com seus ‘soddisfeito’, ‘quatro dia’ etc. etc. (PINTO, 1990, p. 65)

Ao buscar a identidade nacional, o sujeito-autor atende a uma demanda de resgate histórico com vistas à preservação da memória brasileira, conferindo, como apontamos, extrema importância à teorização sobre a “língua nacional” em suas anotações. Naquele contexto modernista de um Brasil do início do século XX, revela-se uma tensão discursiva entre a luta travada entre conservadores e progressistas. Mario de Andrade apresenta suas posturas e coloca-se ora como conservador para ironizar o desejo de preservação de uma língua pura - criticando a atitude de se misturarem outras línguas, como o italiano, à fala

e o desejo de ser purista na escrita - ora como progressista para firmar-se na defesa da brasilidade, criticando o purismo escrito e adotando a posição de ser brasileiro por seguir as constâncias linguísticas do falar nacional.

Podemos afirmar, ao concluir, que a análise da obra *Gramatiquinha* de Mario de Andrade, com apoio da Análise do Discurso de linha francesa e da Historiografia Linguística, permitiu examinar a relevância da obra no contexto do século XX; a postura e o legado do autor na obra em questão, reveladoras da importância dos estudos historiográficos, linguísticos e discursivos para o conhecimento da língua portuguesa característica de um dos países de língua oficial portuguesa: o Brasil.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1992. (Originalmente publicado sob o pseudônimo de Valentin Nikolaïevitch Volochinov).
- BASTOS, Neusa Barbosa; BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). *Questões em historiografia da linguística - homenagem à Cristina Altman*. São Paulo: Pá de Palavra, 2020.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2000.
- CASAGRANDE, Nancy dos Santos; BASTOS, Neusa Barbosa. A Análise do Discurso: pressupostos teóricos em foco. In: BASTOS, Neusa Barbosa; CASAGRANDE, Nancy dos Santos (org.). *A Análise do Discurso: perspectivas em distintos campos discursivos*. São Paulo: Líquido Editorial, 2021. p. 5-14.
- KOERNER, E. F. Konrad. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados., Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 (Coleção Linguística 11).
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mario de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.